



**ESCRITORAS NEGRAS DIASPÓRICAS:
SABERES ANCESTRAIS FEMININOS EM POÉTICA DAS ÁGUAS.**

**BLACK DIASPORIC WRITERS:
FEMALE ANCESTRAL KNOWLEDGE IN WATER POETRY.**

Cristian Souza de Sales¹
crissaliessouza@gmail.com

RESUMO

O artigo investe numa discussão acerca dos saberes ancestrais femininos assentados por vozes de escritoras negras diaspóricas. A partir de aspectos da produção poética de Livia Natália e Paula Melissa (Mel Adún), evidenciamos que os versos assentados na ancestralidade negro-africana in(corpo)ram elementos simbólicos, os quais reverenciam a deusa das águas doces, a orixá feminina Osun. Osun é uma divindade iorubana que representa a beleza, a feminilidade, a fertilidade, o amor, a maternidade, o poder feminino, a insubmissão feminina. Dessa maneira, fundamentado por contribuições epistêmicas da filosofia africana, o texto explora como esses saberes ganham potência na poesia negra feminina contemporânea. Para tal, a fim de buscar referenciais teóricos pertinentes à compreensão do *corpus*, dialogaremos Eduardo Oliveira (2007) e Adilbênia Freire Machado (2020).

Palavras-chave: literatura negra brasileira; poesia negra feminina; epistemologias negras; saberes ancestrais; assentamentos de resistência

ABSTRACT

The article invests in a discussion about female ancestral knowledge based on the voices of black diasporic writers. From aspects of the poetic production of Livia Natália and Paula Melissa (Mel Adún), we show that the verses based on the black African ancestry in (body) had symbolic elements, which revere the goddess of fresh waters, the orixá female Osun. Osun is a Yoruban deity who represents beauty, femininity, fertility, love, motherhood, feminine power, feminine insubmission. Thus, based on epistemic contributions from African philosophy, the text explores how this knowledge gains power in contemporary female black poetry. To this end, in order to seek theoretical references relevant to the understanding of the corpus, we will discuss Eduardo Oliveira (2007) and Adilbênia Freire Machado (2020).

Keywords: Brazilian black literature; female black poetry; black epistemologies; ancestral knowledge; resistance settlements.

¹ Doutora pela Universidade Federal da Bahia (UFAB).

DENTRO DESTA ÁGUA DOCE: UMA INTRODUÇÃO

Ori

Um rio não caminha só.
ele atravessa
rasga pedras e fere o chão com sua correnteza translúcida.
A água eu cabe apaziguada no copo.
dança macia nos corpos
e escapa sinuosa das mãos
está sempre caminhando.
Dentro do rio cabe um mais além das margens
[...]
Dentro desta água doce cabe a violência das torrentes.
Dentro da água há um espaço sempre preenchido
onde dança uma mulher castanha e bela.
No fundo, mais que limo e pedra,
Há pulseiras vivas e perfumes feitos de puro mistério.
[..]
(SOUZA, 2011, p.29)

De acordo com Adilbênia Freire Machado (2020, p. 30), “os saberes ancestrais femininos” são assentados por mulheres negras que tecem/bordam “experiências coletivas, irmanadas, ancestrais e encantadas desde com-partilhas de seus dons, suas vivências”. Por isso, a filósofa afro-brasileira assegura que “as mulheres negras carregam em si o encantamento” das sabedorias de suas mais velhas. (MACHADO, 2020, p. 30). Mulheres que herdaram as forças vitais dos povos negros da diáspora, bem como os ensinamentos dos povos de terreiro². Assim sendo, em uma dimensão ritualística, as nossas ancestrais nos ensinaram a louvar/saudar o *Orí* (cabeça). *Ori* é potência da vida! *Àgò! Osun Ora yèyé Ó!*

Neste trabalho, os saberes ancestrais femininos estão assentados numa cosmovisão africana ligada aos arquétipos de Osun. Osun é uma divindade iorubana que simboliza a beleza, a feminilidade, a fertilidade, o amor, a maternidade. Mas, por outro lado, Osun também simboliza a insubmissão feminina, o empoderamento e o poder feminino. Na tradição de origem iorubá, Osun é um orixá feminino que “habita as águas doces, condição indispensável para a fertilidade da terra e produção de seus frutos, donde decorre sua profunda ligação”, por exemplo, com “a gestação”. (CARNEIRO e CURY, 2008, p. 128).

²Segundo Muniz Sodré (1988, p. 53), os terreiros podem-se dizer de candomblé, “Xangô, pajelança, jurema, catimbó, tambor de mina, umbanda ou qualquer que seja o nome assumido pelos cultos negros”; são territórios em que se assentam um conjunto organizado de representações litúrgicas e práticas rituais.

Entre os muitos itàn, Osun morava perto da lagoa, perto de *ossá*. Todos os dias, Osun se dirigia à lagoa e se banhava³. Lá, ela polia suas pulseiras, seus *indés*. Cotidianamente, Osun, muito vaidosa e cuidadosa com a sua beleza, caminhava junto às margens, sobre as pedras brutas para alisar seus pés. Osun ia à lagoa “brunir os seus *indés*, e, na lagoa, lavava seu punhal, seu *idá*”⁴. Banhava o corpo arredondado, lavava seus cabelos, lixava seus pés nas rochas ásperas de *ossá*. “Dentro da lagoa, Osun dançava suas danças e cuidava de suas ferramentas. [...] Quando as águas estavam altas na lagoa, *Osun*, o peixe, nadava para as bordas da *ossá*”. (PRANDI, 2011, p. 317, grifos do autor).

Em um estudo sobre *O poder feminino no culto aos orixás*, Sueli Carneiro e Cristiane Cury (2008, p. 126), ao discorrem sobre os aspectos simbólicos e sagrados das Iabás (divindades femininas), relembram que a cor de Osun “é o amarelo-ouro, e gosta de adornos dourados”. Neste trecho, dizem que “quando dança, espalha o ouro e espelha-se no seu abébé”, sendo seus movimentos muito exultantes. (CARNEIRO e CURY, 2008, p. 128).

No estudo dos arquétipos, Sueli Carneiro e Cristiane Cury asseveram outras características marcantes de Yá Osun. As pensadoras brasileiras enfatizam que Osun não simboliza apenas a sedução, a elegância e a vaidade. Assim, tentando explorar outros traços e gestos peculiares, as autoras dizem que a ira de Osun “pode provocar o desencadeamento dos aspectos contrários às suas qualidades”. Dessa forma, é possível observar que, por trás de suas vestes e colares, como provedora da maternidade, Osun “pode trazer a esterilidade e os abortos sucessivos”. (CARNEIRO e CURY, 2008, p. 128).

Nesse universo mítico-simbólico, os poemas de Lívia Natália e Paula Melissa (Mel Adún) transformam-se em um território de assentamento de saberes ancestrais: saberes ancestrais femininos e saberes de terreiro que se expressam enquanto epistemologias negras. Esses saberes são utilizados como referências e fundamentos epistêmicos na elaboração do pensamento crítico, teórico e em tessituras poéticas de autoria negra. Pois, como nos diz, Lívia Natália: “[...] dentro da água há um espaço sempre preenchido/onde dança uma mulher castanha e bela/ uma luz dourada emana de seus limites”. (SOUZA, 2011, p.29).

³A palavra itan (nome singular e plural) é o termo de origem ioruba utilizado para representar um conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros. Os itan são transmitidos oralmente de geração a geração.

⁴Ver em Prandi, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 318-345.

Dessa maneira, o assentamento, portanto, relaciona-se intimamente com a ancestralidade negro-africana e os saberes ancestrais femininos⁵. Na liturgia de terreiro, os assentamentos são canais diretos com os orixás e os ancestrais. Em outra leitura, transformam-se em energia que circula através da palavra-ritual na poesia negra brasileira e na escrita feminina negra para reverenciar Osun. É a força ancestral que se manifesta nas formas de sentir, viver e escrever de Lívia Natália e Paula Melissa (Mel Adún).

Nas palavras de Eduardo Oliveira (2007a, p. 60), “a história dos ancestrais africanos permanece inscrita” e escrita nos “corpos dos afrodescendentes”. Por isso, é preciso ler o texto do corpo e no corpo do texto para vislumbrar “a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos e afrodescendentes espalhados no planeta”. Segundo o autor, a “ancestralidade é um modo de interpretar, produzir a realidade”. (OLIVEIRA, 2007, p. 145). Por essa ótica, os assentamentos têm relação com a ancestralidade e a resistência negra diaspórica.

Sob tal perspectiva, os poemas de Lívia Natália e Paula Melissa (Mel Adún) assentam “a possibilidade de uma leitura do mundo a partir da matriz africana”. De forma singular, as vozes negras femininas encadeiam e desencadeiam uma rede de significações que nos conecta e reconecta a uma memória ancestral em diáspora⁶. Diante disso, em um duplo movimento, os saberes ancestrais femininos ganham potência e convertem-se em “assentamentos de resistência”. (SALES, 2020)⁷.

Nesse caso, ao reverenciar a ancestralidade negro-africana, os assentamentos de resistência são como cantos de louvor a todas as Yabás com seus arquétipos e espiritualidades. Ao mesmo tempo, notabilizam as histórias e os legados de luta e rebeldia de nossas ancestrais. Quando se insurgem nos versos, podem ser cantos de louvor a Yá Osun. A poesia negra feminina é como um ilá (choro, grito, brado) de um orixá:

⁵O assentamento possui uma relevância importante, uma vez que está ligado ao assentamento de orixá. “O orixá individual é fixado numa pedra – o otá – que é guardada ao interior de um pote ou vasilha (*ibá*), de louça ou barro, a depender do orixá”. (RABELO, 2011, p. 23).

⁶Diáspora se baseia na etimologia muito citada do termo do grego *dia* que significa “através” e *speirein* que significa “semear” ou “Dispersão”. O termo é encontrado no livro do Deuteronômio 28:25. Em outra perspectiva, os primeiros usos do conceito diáspora africana e atlântica estão ligados aos chamados Estudos Africanos surgidos também na década de 1960. Para além do sentido religioso, representa êxodo, expatriação, deslocamentos e migração não voluntária já, nos termos de Stuart Hall (2003), o termo diáspora tem designado a dispersão forçada do povo africano pelo mundo atlântico.

⁷Em minha tese de doutorado intitulada *Assentamentos de resistência: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas* (2020), busco tornar operatório o conceito de assentamento para ler, interpretar e traduzir a produção epistêmica e de conhecimento de mulheres negras em diáspora. Os assentamentos de resistência estão fortemente ligados à ancestralidade negro-africana e as histórias e os legados de resistência *de las ancestras*. Dessa forma, manifestam-se nas poesias, romances, contos e ensaios críticos de autoria negra através de saberes de ancestrais, saberes de terreiros e saberes ancestrais femininos: orikis, itan, provérbios, rezas etc.



Quando a água para
- aquietada na carne lívida das lagoas-
dentro dela há muita vida.
Uma luz dourada emana de seus limites
como de um ventre,
enquanto os peixes bebem de seu encanto silencioso.
(SOUZA, 2011, p.29)

DO LEITO DO RIO: ESCRITA NEGRA DIASPÓRICA E SABERES ANCESTRAIS

“O leito do rio, quase seco, sussurra que já foi correnteza”.
(Mel Adún, 2014, p. 149).

Do leito do rio que sussurra correnteza, buscamos pensar/refletir a ancestralidade na perspectiva de Eduardo Oliveira (2007a, p. 128). Na dobra de seus mistérios, de acordo com o autor, a ancestralidade era uma categoria explicativa ligada ao fazer/ existir do povo de santo, “considerada o princípio fundamental de organização dos cultos de candomblé”. Em seguida, torna-se “um termo em disputa [...] nos movimentos negros organizados, nas religiões de matriz africana, na academia e até mesmo nas políticas de governo”. Nesse sentido, “a ancestralidade é um território sobre o qual se dão as trocas de experiências: signicas, materiais, linguísticas”. (OLIVEIRA, 2007a, p. 141).

A partir desses pressupostos, Oliveira defende que a ancestralidade nos permite compreender as experiências, estratégias de luta e resistência negro-africana no Brasil. A ancestralidade se converte em uma referência extraordinária e fundamento da resistência de nossos antepassados (homens e mulheres). “A ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente” em diáspora. (OLIVEIRA, 2007a, p.3). Para falar de resistência, é necessário pensar em cosmovisões, formas de ser, agir e estar no mundo; memórias, gestos, liturgias etc. Acrescido a isso, também se conjugam saberes, espiritualidades, valores, princípios, práticas mítico-religiosas trazidas, herdadas e reinventadas.

Diante de tais considerações, a ancestralidade nos possibilita reconectar à memória do corpo que, embora “eivada de uma saudade da origem”, torna-se território de tanto de ressemantização quanto de continuidade dessa lembrança que tem no passado “a garantia de sua continuidade”. Ressaltamos aqui que é necessário se perceber dentro do próprio fluxo de continuidade de uma linhagem negra ancestral, considerando que a “[...] travessia nos ‘negreiros’ nunca foi uma viagem solitária”. (OLIVEIRA, 2007a, p. 103, grifos do autor).

Tal particularidade pode ser explicada porque “a ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento”. (OLIVEIRA, 2007a, p. 145). É uma categoria de reconexão, existência e partilha entre mulheres negras em diáspora. A esse respeito, o filósofo afro-brasileiro enfatiza que o encantamento é uma das funções da ancestralidade. O encantamento é uma palavra “mágica e potente”. “Encantar é a finalidade da ancestralidade”. (OLIVEIRA, 2007a, p. 146). Imediatamente, a poesia negra feminina faz recordar os fundamentos e o encantamento das quartinhas:

Quando a quartinha canta,
preenhe de Água absoluta,
um suntuoso aquário se tece
no breu de suas bordas.
[...]
ouço a água doce e fria.
(SOUZA, 2017, p. 37).

Assim sendo, “quando a quartinha canta”, Oliveira e Machado nos orientam a sentir a potência das palavras das escritoras negras diaspóricas Lívia Natália e Paula Melissa (Mel Adún). Quando os versos se entrelaçam e juntas elas dançam/escrevem, “o leito do rio, quase seco, sussurra que já foi correnteza”... “um Ori se planta no profundo”. O cenário lírico-poético nos confirma que as palavras de encantamento e os significados dos ritos são dirigidos a Osun: a orixá da sensualidade misteriosa e astúcia feminina. (OLIVEIRA, 2007, p. 146). Por esse motivo, essas expressões e os elementos sinalizados arrebatam os “nossos sentidos e nos impõe a sua maravilha”. (OLIVEIRA, 2007a, p.43).

Yá Osun

Nesta casa quieta onde vives,
As pedras, limosas e calmas,
São brutas de tanto afeto.
(SOUZA, 2017, p. 53).

É interessante perceber que o olhar encantado da poeta negra constrói “um mundo encantado” de Yá Osun. (OLIVEIRA, 2007, p. 146). “No território do encantamento cabe tudo: o visível, o invisível”, o que sussurra e, ao mesmo tempo, torna-se correnteza nos mistérios das quartinhas. Sem dúvida, nesse encantar o mundo, Mel Adún e Lívia Natália referenciam e reverenciam o orixá feminino Osun. Para além da racionalidade ocidental, ao som de águas dos

rios, essa ligação com a natureza e os orixás nos convida a pressentir o mundo em outra dimensão.

Mais adiante, as escritas aquosas de Mel e Lívia Natália nos convocam a “pensar de corpo inteiro, o cognitivo e sensorial, razão e emoção”. (MACHADO, 2020, p.38). “O corpo transa e entra em transe”. (MACHADO, 2020, p.32). Corpo e transe. Escrita em transe. Os versos nos comunicam que “é preciso aprender a lidar com o mundo de uma outra maneira que não aquela que nos circunda habitualmente”. Das pedras, limosas e calmas, torna-se imperativo “re-ver o mundo de ponta cabeça” para SER. (OLIVEIRA, 2007a, p. 103).

Dentre as formulações apresentadas, a ancestralidade negro-africana é vivida desde a matéria do corpo até o organismo da intelectualidade. De certa forma, é preciso destacar a relevância do trabalho intelectual realizado por escritoras negras diaspóricas como guardião da memória, dos saberes ancestrais e dos saberes ancestrais femininos. Ao tratar de uma conjuntura mais ampla, uma práxis intelectual guardiã das cosmologias africanas e dos saberes de terreiro com os seus assentamentos de resistência. Nesse caso, ainda é oportuno observar que, formando elos com o sagrado, resguardando segredos e valores civilizatórios por meio das práticas herdadas e reelaboradas, mais precisamente, suas vozes assumem a tarefa de estabelecer a reconexão dos povos diaspóricos com os seus ancestrais africanos (homens e mulheres). (SOUZA, 2017, p. 53).

Tendo em vista tais afirmações, esses saberes são tecidos pela ancestralidade negro-africana que nos “permite ser/estar no mundo”. São saberes “carregados de histórias, de filosofias e sentidos” assentados por vozes de mulheres negras com as suas escrevivências. (MACHADO, 2020, p. 32). Segundo Conceição Evaristo (2014, p.26), as escritoras negras diaspóricas entrelaçam essas “escrevivências nos gritos de Oxum”⁸. Mulheres negras que ecoam o falar de sua comunidade, de seu povo com as suas demandas específicas. A esse respeito, colaboram para o “fortalecimento da nossa existência, que permite a resistência, a re-existência” e ainda assentam outras epistemologias. (MACHADO, 2020, p. 32).

Sendo espaço de expressão do sagrado ancestral, Machado nos orienta que os textos de Lívia Natália e Paula Melissa (Mel Adún) são saberes tecidos e assentados, fundamentalmente, “por mulheres negras que bordam suas experiências coletivas, irmanadas, ancestrais e encantadas”. Consoante a tal perspectiva, suas escritas se transformam nas

⁸Refiro-me ao depoimento/ensaio de EVARISTO, Conceição (2014). Nos gritos d’Oxum quero entrelaçar minha escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Org.). Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos. Florianópolis: Mulheres, p. 25-33.

“tessituras ancestrais” que assentam os saberes historicamente silenciados. (MACHADO, 2020, p.30). Ao toque de um ijexá, os processos poéticos e criativos se banham e se fortalecem nos rios, lagos e em fontes de águas doces. Manifestam aquele “jeitinho” das artimanhas, das sutilezas, do feminino calcado na docilidade e insubmissão das filhas de Osun. (CARNEIRO e CURY, 2008, p. 128, grifos das autoras). Assim, esse encantamento tecido pela ancestralidade negro-africana se potencializa:

[...]
a minha alma escuta
lá longe,
do solo ancestral
um ijexá
(ADÚN, 2011, p. 153).

Segundo Oliveira, precisa-se “desconstruir o corpo que se tem e o corpo” das simbologias que carregamos para compreender as poesias de escritoras negras diaspóricas. “É preciso re-ver a cultura que lhe tece a pele” com as suas variadas tessituras; “necessário mergulhar naquilo que lhe é mais seu e despojar-se disso como uma serpente que troca de pele, ou como a ave que troca de penas”. “Doravante viver sem/com pele ou plumas” para experimentar todos os afetos possíveis: dor, alegria, esperança, amor, etc. (OLIVEIRA, 2007a, p. 103). Isso é “Encantamento Ancestral!”. (MACHADO, 2020, p.35). Isso é reverenciar a Yá Osun!. Esses são os assentamentos de resistência ritmados nas terras de Ijexá.

MEL ADÚN: POÉTICA DAS ÁGUAS

Omin

Sou enchente
Das águas profundas,
Escuras
Poço sem fundo
Fatal para os desavisados
Farta para os que com cuidado
Se agacham para pedir: “sua benção, minha mãe!”
Ora rio Yê yê o, rio Ora yê yê ô, yalodê
Sou por vezes maré vazante
Com vontade de tirar tudo de dentro.
Os desatentos pensam que vou secar...
Mas é só o sol descer
Que volto a encher
Enchente, profunda, escura
Fatal e farta

Sou água.
(ADÚN, 2008, p. 91, grifos meus).

Filha de Osun, jornalista, fotógrafa, tradutora, contista e poeta, Mel Adún é o pseudônimo da intelectual negra diaspórica Paula Melissa Alves. Nascida em Washington D.C, nos Estados Unidos, em 1978, em razão do exílio dos pais que fugiam da ditadura militar, veio para o Brasil ainda criança em 1984. Em 1998, já adulta, regressa aos EUA para estudar, retornando ao Brasil em 2001, quando se naturaliza brasileira, fixando residência em Salvador (BA).

Percorrendo outros meandros de sua trajetória, Mel Adún participou de várias edições dos Cadernos Negros e faz parte do Coletivo Literário Ogum's Toques Negros. É idealizadora do webTV *Tobossis Virando a Mesa*, um programa que aborda questões relacionadas ao gênero e a raça. Foi uma das diretoras do Didá Associação Cultural Educativa de Mulheres fundada sem fins lucrativos em 1993. Ativista do Movimento Negro e feminista negra, “acredita que a militância como uma forma de ser, visível na postura, na escrita, no jeito de vestir, de agir e de discursar”. (ADÚN, 2016, p. 69).

Em 2010, a poeta Mel Adún deu à luz ao que considera como “sua obra prima em forma de menina”, sua filha Ominirê. (ADUN, 2011, p. 198). Com seu companheiro, o poeta negro brasileiro, Guellwaar Adún, idealizou a editora Ogum's Toques Negros. Em seguida, organizou e publicou a coletânea poética Ogum's Toques Negros (2011). Em 2015, publicou o livro infantil *A lua cheia de vento* (Ed. Ogum's Toques Negros) e, no ano seguinte, escreveu outro do mesmo gênero *Adumbi* (Ed. Ogum's Toques Negros).

Quanto à tematização dos saberes ancestrais femininos, revelando os muitos mistérios que nos envolvem, Mel Adún compartilha: “[...] venho de uma família de Candomblé da Bahia e eu não teria como me desvincular disso ou me separar do meu ativismo mesmo se quiser”. (ADÚN, 2016, p. 70). Nesse sentido, a escritora negra reconhece que não teve escolha. A ancestralidade negro-africana nos ensina e nos prepara aberturas. É questão de caminho (*Odu*)!

Com abébé, Mel Adún (2011, p. 10) acredita que “toda vez uma mulher negra fala por si mesma em uma obra”, é um gesto de empoderamento de outras mulheres. É uma escrita negra feminina que traz consigo e compartilha a experiência da coletividade feita na comunhão de nossos afetos, crenças, memórias e histórias individuais, assim de nossas “dores dolorosas” que cicatrizam no molhado. Essa escrita que dá “voz a milhares de outras mulheres, negras ou não”.

Nos versos, o eu poético funde-se e confunde-se: “[...] das águas profundas... Sou água”. (ADÚN, 2008, p. 91, grifos meus). E, nesse encantamento e reencantamento:

Aguada

Minhas dores dolorosas morrem comigo.
Sou das águas e a cicatrização no molhado é mais difícil.
Por isso vide bula.
Nesse caso é melhor não agitar antes de usar.
(ADÚN, 2011, p.151).

Guiada pelas águas de seu Ori, Mel Adún costuma afirmar que “a sua escrita é negra porque vem de uma realidade negra”. (ADÚN, 2016, p. 69). “Eu escrevo poesia que tem muito a ver com a realidade da mulher negra”. (ADÚN, 2016, p. 72). Por isso, a intelectual negra transfigura poeticamente suas experiências enquanto mulher negra. A escrita *abébé* “das águas profundas e escuras” que pede a benção e faz a saudação a *Omin*: “[...] *Ora rio Yê yê o, rio Ora yê yê ô, yalodê*”. (ADÚN, 2008, p. 91, grifos da autora).

Dessa maneira, as águas se tornam um significante ancestral que integra as poesias Mel Adún. “É a espiritualidade entranhada em nosso viver/ser”. (MACHADO, 2020, p. 33). “As águas como símbolos do feminino, da vida, da maternidade e da fertilidade, reencenam na poesia *Irê!*: “[...] Nas águas de Oxum / sou peixe de barriga cheia/ atingida pela flecha certa/ Trago no ventre o poder de gerar, explodirei água explodirei /sorte Ominirê”. (ADÚN, 2012, fonte eletrônica).

De acordo com Machado, a “força das mulheres africanas, das mulheres negras, perpassa o tempo e o espaço”, porque manifestam uma energia “presente no cotidiano, no nosso falar, dançar, cantar, ouvir”. Essa energia está “em nosso paladar, nas religiões de matriz africana, no nosso modo de acolher, de ser”. (MACHADO, 2020, p.42). Ao tomar as águas de Osun como símbolo da vida, maternidade e fertilidade, através da voz poética, Mel Adún assenta “nossos saberes, nossos valores, nossos sentidos”. (MACHADO, 2020, p. 31). Saberes epistêmicos assentados na ancestralidade negro-africana.

No prolongamento entre o visível e o invisível, as simbologias e fundamentos epistêmicos podem ser reconhecidos na conexão mítico-religiosa e ancestral que se estabelece através da identificação com os arquétipos do orixá Osun: o peixe símbolo da vida, da fecundidade, sedutora, fatal e acolhedora. É Osun com toda a sua ira: “enchente, profunda, escura /Fatal e farta / Sou água”. (ADÚN, 2008, p. 91). Por isso, a partir desse horizonte, ao

contemplar tais saberes ancestrais femininos para que “nos dê a poção da resistência”, juntam-se outras vozes femininas. Em um Ajobó epistêmico⁹, assim como Mel Adún e Livia Natália, a escritora negra brasileira Esmeralda Ribeiro também reverencia a Yá Osun:

Mãe de todos os rios
Deságua em mim
Afluente brios quilombolas
É tua, é nossa terra, nosso mar
Enfim, são décadas
[...]
Mãe Feiticeira
[...]
Iyalodê
Nos dê a poção da resistência
São tantas barreiras
No lago artificial dos nossos Rios
[...] (RIBEIRO, 2006, p. 115, grifos meus).

Segundo Machado, “a natureza é a ancestralidade em nós, o feminino criando, possibilitando a vida”. (MACHADO, 2020, p. 40). “Mãe de todos os rios”, Osun simboliza a natureza e os saberes ancestrais femininos dos “afluentes brios quilombolas”. (RIBEIRO, 2006, p. 115). Osun é a nossa Iyalodê (mais importante das mulheres, em iorubá) que controla as marés, os refluxos e influxos dos rios do mundo, mas, especialmente, o estado de *Oshogbo*:

Vou-me embora pra Oshogbo
Lá sou filha de rainha
Me deitarei só com quem eu quiser
Só se for vontade minha
Vou-me embora pra Oshogbo
Vou-me embora pra Oshogbo
lá vou ser feliz
não terei que me relacionar
com homens de qualquer lugar
espanha, estados unidos, paris
Só se for vontade minha
[...]
(ADÚN, 2014, p. 154, grifos meus)

⁹Ajobó é uma palavra em iorubá que significa assentamento coletivo. Uso essa expressão Ajobó Epistêmico como uma prática ritual para me referir à concentração de energia, a reunião, a partilha, a reconexão entre mulheres negras. O Ajobó se refere aos saberes ancestrais, saberes encruzilhados, saberes ancestrais femininos assentados coletivamente por mulheres negras com suas escrituras e vivências diaspóricas. O Ajobó permite a reconexão entre mulheres, escritoras e intelectuais negras da diáspora, entrelaçando suas experiências históricas comuns. Assim, experimentamos uma sensação coletiva de assentamento dos saberes ancestrais femininos. No Ajobó, produzimos conhecimento juntas e também reverenciamos todas àquelas que vieram antes.

Oshogbo é a capital do estado de Òşún da Nigéria e localiza-se entre *Ibòkun, Ikirun, Ede e Akodá*. Em *Oshogbo*, acontece, anualmente, um Festival de Osun (Festival sagrado de Osun), onde são feitas oferendas para reverenciar essa Rainha¹⁰. Como simboliza a beleza e a riqueza, as celebrações são sempre com danças, presentes, joias e flores etc. No Brasil, em ritmo de ijexá, as festas para Osun também se destacam pela devoção e rituais. De forma amorosa, é um momento de renovação e fortalecimento com os laços os orixás e os ancestrais através da reconexão com a divindade das águas doces.

Associado a isso, a voz poética lembra que Osun é uma orixá que defende distintas pautas relacionadas ao feminino. Em *Vou-me embora pra Oshogbo*, o sujeito lírico explora questões afetivas, relações de gênero, emancipação e empoderamento coletivo. Lembrando muitos orikis e itan que aprendi, a poeta negra diaspórica enfatiza que Osun se torna uma das porta-vozes contra o patriarcado, o sexismo e a dominação masculina etc.

Lá sou filha de rainha

Me deitarei só com quem eu quiser
Só se for vontade minha
[...]

lá vou ser feliz

não terei que me relacionar
com homens de qualquer lugar
espanha, estados unidos, paris

Só se for vontade minha

(ADÛN, 2014, p. 154, grifos meus)

Para Machado, “o feminino está em tudo, em todos os lugares”. O feminino é a “possibilidade de criar, de nascer, de renascer. É escuta, sensibilidade, motor da existência, inclusive, do próprio mundo” regido por Osun. “O feminino é a energia do encantamento” em *Oshogbo*. Nessa perspectiva, o feminino “é o que dá vida, permite a vida...”. (MACHADO, 2020, p. 44). Nesse feminino, a ancestralidade negro-africana está em movimento. Tudo se movimenta. Desse modo, perpassa o corpo e cria sentidos, “encantando”. Por esse motivo, o feminino atua de maneira a assegurar que a devoção a Osun passe a simbolizar “resistência, cuidado, encanto”. (MACHADO, 2020, p. 44). Tais particularidades compõem uma gama de sentidos e significados reverberados na produção epistêmica e de conhecimento de mulheres negras (autoria, crítica, teoria e literatura).

¹⁰Mel Adún dialoga de maneira intertextual com a poesia *Vou-me Embora pra Pasárgada* do poeta modernista Manuel Bandeira.

Em *Vou-me embora pra Oshogbo*, o sujeito poético celebra a sua liberdade de escolha para sentir e amar. Osun representa o poder feminino através do arquétipo das mulheres insubmissas e corajosas: donas de seu corpo, de seu desejo, de suas vontades. Das terras de Ijexá, Osun transborda suas forças espirituais. Águas de um Rio que se expandem e tomam muitos contornos, que se transformam e se confundem que se ampliam e desaguam insurgentes. As águas aparentemente calmas que se levantam sinuosas: um dia em passos miúdos, outros insubmissos.

Sou d`água
Vivo na água
E a cada sol-estrela-sol-estrela
Crio labirintos
[...]
Sou capaz de sentir arder
Queimar meus limites e
Redesenhar meu corpo...
(LOURENÇO, 2014, p. 191, grifos meus).

Em represália aos homens, logo que o mundo foi criado, Osun vingou-se dos orixás masculinos, obrigando-os a buscar ajuda com Olodumare. Quando Olodumare soube que Osun havia sido excluída das reuniões, da divisão dos cargos e da tomada de decisões, aconselhou os orixás a convidá-la, e às outras mulheres. Como Osun não se conforma com a situação, condenou todas as mulheres à esterilidade. Dessa forma, assim que pôde participar do processo decisório e ser ouvida, Osun com seu poder de fecundidade permitiu que as mulheres voltassem a gerar filhos.

Por fim, em outro itan, após desafiar o Rei Orixalá, denunciando as injustiças contra todas as mulheres, “os brados de Osun com as suas maldições causaram um grande alarido, uma confusa tamanha”. “Foi vencendo essas demandas que Oxum se tornou a dona de todo ouro e de toda riqueza”. (EVARISTO, 2014, p.25). Deste modo, Osun protege todas as mulheres negras insubmissas e insurgentes. Águas doces bem(dizem) nossas epistemes, poesias e saberes. Águas que assentam as nossas resistências.

LÍVIA NATÁLIA: POESIA NEGRA DE ABÉBÉ

Abebé Omin

Dança bruta e verdadeira no chão de minha alma,
prepara meu corpo para ser sua morada:
vomito quizilas e fico de novo límpida e casta.
Lava meus pés com seus cabelos de água,
**lava meu ventre,
minhas mãos...**
Se põe inteira ante mim
na proporção exata e necessária,
preenchendo tudo com seu castanho cristalino.
A mim tudo deu e tudo dará,
e entrego dourada e rubra minha cabeça a teus pés,
para que aqui caminhe,
**habite,
deite
e viva,
agora e sempre,**
dentro desta lagoa funda e branda,
neste rio que corre de mim a mim.
(SOUZA, 2011, p. 35, grifos meus)

Nascida em 25 de dezembro de 1979, baiana de Salvador, Lívia Natália ou Lívia Natália Maria de Souza Santos, *Omo òrìsà* de *Òsun* e de *Odé*¹¹, de fundamento Ketu, além de ser poeta, possui mestrado (2005) e doutorado (2008) em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, pela Universidade Federal da Bahia, onde também é professora adjunta de teoria literária (2010). Para as mulheres negras, a relação com os orixás e os ancestrais está inscrita no *Odu* (destino). Refiro-me à espiritualidade nosso ser e existir. Lívia Natália narra que suas conexões com os Orixás eram profundas, pois, “desde a mais tenra idade”, incorpora de Osun. Mas, somente aos trinta anos, a escritora, finalmente, foi consagrada ao Orixá, transformando suas percepções: “eixo do meu mundo se alterou por completo”. (SOUZA, 2018, p. 195). Esse evento permitiu re-existir e renascer.

Carrego comigo uma *Djina*, um *Orunkò*, um nome que me plantou dentro de mim e este nome me diz que sou parte da coroa que adorna e empodera a bela cabeça de Osun, minha Mãe. (SOUZA, 2018, p. 195). E este mesmo nome me promete a alegria. Como sabemos, o nome do nosso Orixá é um segredo de

¹¹Lívia Natália é uma das *Egbomes* do Ilê Axé Opô Aganjú, já tendo feito a sua obrigação de sete anos (*odu ejé*). Segundo Mãe Stella de Oxossi, *egbon* “é o mais velho, mais maduro”. (SANTOS, 2010, p. 172). Ver o livro *Meu tempo é agora*.



vida, portanto, revelo apenas o que este orunkò significa: “coroação da alegria”. (SOUZA, 2018, p. 195, grifos da autora).

Desde a sua estreia, a intelectual negra Livia Natália já publicou as seguintes obras: *Água Negra* (2011); *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015); *Água Negra e Outras águas* (2016); *Dia bonito pra chover* (2017); *Sobejos do Mar* (2017); *As férias fantásticas de Lili* (2018). Participou ainda da coletânea poética *Ogums Toques Negros* (2014), da *Coletânea de Literatura Feminina Negra Louva Deusas* (2012) e da coleção intitulada *É agora como nunca: antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*, organizada pela cantora e professora Adriana Calcanhotto (2017). Conquistou prêmio de melhor livro de poesia em 2017, com a antologia *Dia bonito pra chover*, conferido pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes).

Nas antologias *Água Negra* e *Correntezas e outros estudos marinhos*, os versos são feitos com muita doçura, elegância na proporção exata e necessária: [...] “Sou a Água eternamente translúcida. Precipício denso de onde estes peixes bebem... um silêncio delicado”, afirma voz literária. (SOUZA, 2015, p.31). Poemas feitos em transe...! “Dança violenta e bela na crista de minha alma. Uma voz de água doce sussurra”. (SOUZA, 2011, p. 35).

No poema-devoção, *Abébé omin* é o elemento religioso que alimenta a fé nos orixás e, especial, na *Orísá Osun*¹². Nele, cultuam-se outras formas de viver em sociedade, distanciadas dos padrões hegemônicos orientados por uma cultura ocidental judaico-cristã. Por outro lado, situam-se na perspectiva da cosmovisão africana de valores e crenças outras, conforme propõe Eduardo Oliveira (2003). Encantamento e “reencantamento do mundo”. (GARUBA, 2002). Nos versos, “o encantamento por nossa ancestralidade negro-africana nos leva a seguirmos numa luta engajada por nosso direito à vida, à existência em sua totalidade”. (MACHADO, 2020, p.36). A relação entre ancestralidade e espiritualidade é de corpo inteiro.

No poema *Abebé Omin*, o verbo dançar simboliza ação dos versos feitos em transe. Imortalizam o momento da chegada do *orísá* e o transe da filha de Osun que desce no corpo fictício da voz poética: “prepara meu corpo para ser sua morada” e entrega “dourada e rubra minha cabeça a teus pés”. Movimento de entrega total à energia ancestral: “[...] para que aqui

¹²Deusa do amor, terceira esposa de Xangô, quando vivia na terra, dizem ter sido sua preferida. Muito vaidosa e de temperamento voluptuoso, Oxum usou de todas as artimanhas para prendê-lo, tanto que, por meio de sutilezas, fez a sua rival, Obá, cortar a orelha e cozinhá-la, dizendo-lhe que com isso o agradaria. Sua cor é o amarelo-ouro, e gosta de adornos dourados.

caminhe, habite, deite e viva, agora e sempre”. (SOUZA, 2011, p. 35). Dança e movimento que se faz também com o leque ritual dourado nas mãos.

Segundo Verger (1997, p. 70), a dança de Osun lembra “o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora que vai ao rio se banhar, enfeita-se com colares, agita os braços para fazer tilintar seus braceletes, abana-se graciosamente e contempla-se com satisfação” em um abébé. Com seus encantos, Osun é capaz de gerar a vida ou secar tudo, da terra ao ventre. Ela é a grande Mãe Feiticeira. Ser feiticeira também embute uma relação de poder que desperta, ao mesmo tempo, prazer e medo, pois confunde, seduz e encanta os homens.

Oriki para Osun

O rio se cala,
mas há quem não saiba
que é ele fundo.
(SOUZA, 2011, p.73)

Os versos de Livia Natália possuem uma potência de múltiplos afetos que se espraiam no aquoso e liquefeito terreno/território de emoções, sensações e devoções a orixá Osun. É extraordinária a qualidade de sua linguagem que desce às profundidades abissais dos rios, mares e cachoeiras, traz à superfície à densidade de seus segredos sempre férteis em significados. Assim, gota a gota... Eu bebo e encanto-me com as palavras-feiticeiras. No movimento de vidas-moléculas, vidas-correntezas, ao mesmo tempo... Neles, o eu lírico é mulher e menina, deusa-rainha, mãe e filha, donas de todos os dengos, segurando o abébé.

Abébé

Translúcida,
a Água dissimula no fundo calmo
a dobra de seu mistério.
(SOUZA, 2017, p. 49, grifos meus).

Onde o espelho-leque? Dobra a dobra, a criação estética para o labor epistêmico, crítico e teórico está “preenche de negruras”. As águas de Osun banham e assentam as nossas Riografias¹³. Das correntezas de conchas e búzios, as poesias de mulheres negras também dançam com o vento e resplandecem os saberes ancestrais femininos. Nas escritas da negrura,

¹³Cito trechos do poema *Riografias* de Livia Natália publicado no livro *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015, p. 45)

vislumbramos o poder das mulheres em todos os ciclos de evolução, a capacidade de acolhimento e gestação. Ao mesmo tempo, sacralizamos a conexão feminina com a potencialidade de forças cósmicas, porque há um Rio que tem o seu nome e deságua “no fundo calmo”.

“UM RIO NÃO CAMINHA SÓ”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Minha fé é negra

e minha alma enegrece a terra
no ilá

que de minha boca escapa.

Sou uma árvore negra de raiz nodosa.

Sou um rio de profundidade limosa e calma.

Sou a seta e seu alcance antes do grito.

E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade
e o ferro das armas.

E ainda luto em horas de sol obtuso
nas encruzilhadas

(SOUZA, 2011, p. 33, grifos meus)

Osun é vida pulsante nas poesias de escritoras negras diaspóricas. “Poesia negra de abébé nas mãos”. (SALES, 2018, p. 389). Nos versos de Mel Adún e Lívia Natália, os rios de águas doces, negras, lodosas e profundas nunca se calam. São águas de variadas temperaturas que reviram tudo: passado, presente e futuro numa dimensão de tempo não linear: ora são águas calmas e pacientes... Ora são correntes oceânicas insurgentes, assim como são as mulheres negras que escrevem. Rios que também escondem correntezas perigosas e segredos milenares. “[...] E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade”. “E ainda luto em horas de sol obtuso/ nas encruzilhadas”. (SOUZA, 2011, p. 33).

Através do espelho-leque, reexistimos belas, sedutoras, vaidosas, bem como produzimos conhecimento de outro lugar: de um território aquoso e negro assentado. No leque dourado de Osun que o eu-lírico segura com devoção, podemos exaltar os saberes ancestrais femininos; reverenciar as nossas antepassadas; professar a nossa fé nos orixás; e, além disso, compartilhar as nuances de nossa condição humana e espiritual. Assim sendo, restituímos a nossa humanidade violada pela dominação colonial e o protagonismo das nossas existências.

Em linhas gerais, em um Ajobó epistêmico, as poesias de Esmeralda Ribeiro, Mel Adún, Lívia Natália e Valéria Lourenço se tornam um lugar simbólico de assentamento do sagrado, dos saberes ancestrais femininos, de itan, orikis e louvações ao Ori (cabeça). De águas

criando correntezas nas fendas das rochas do pensamento ocidental e racionalizante para “reencantar o mundo”. (GARUBA, 2002). No fluir de suas narrativas, consolidando uma forma de arte específica, suas escritas semeiam e cultivam a expressão dessa fé negra que sobreviveu ao cativeiro colonial e se ressignificou na diáspora. As poesias negras femininas são como oferendas a todas as Yabás.

Segundo Livia Natália (2018, p. 198), “para nós, representar Orixás e outros seres encantados constitui uma política de representação, não um artifício literário que constitui um universo representacional fantástico”. Ao trazer essa fala estrategicamente, quero reafirmar que essas poesias se transformam em territórios assentamento da produção epistêmica negra. Com isso, territórios assentados por saberes ancestrais femininos dos rios de Osun em Osogbo.

REFERÊNCIAS

- ADÚN, Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (Org.). 2014. **Ogum's toques negros: coletânea poética**. Salvador: Ogum's Toques Negros.
- ADÚN, Mel. 2011. Apresentação. In: SOUZA, Lívia Maria Natália de. **Água negra**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade.
- ADÚN, Mel. 2012. **Irê**. In: Ogum's Toques Negros. Disponível em: Acesso em: 19 jun. 2017.
- ADÚN, Mel. 2014. **Vou-me embora pra Oshogbo**. Organização de Guellwaar Adún, Mel Adún e Alex Ratts. Salvador: Ogum's Toques Negros. 146-156.
- CARNEIRO, Sueli e Cury, Cristiane Abdon. 2008. **O poder feminino no culto aos orixás**. Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. Elisa Larkin Nascimento (Org.) São Paulo: Selo Negro.
- EVARISTO, Conceição. 2014. Nos gritos d'Oxum quero entrelaçar minha escrivência. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Org.). Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos. Florianópolis: Mulheres, p. 25-33.
- FREIRE MACHADO, Adilbênia. Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 31, fev. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/835>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- GILROY, Paul. 2001. **O Atlântico negro: modernidade de dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes.
- HALL, Stuart. 2009. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: Editora UFMG.
- GUIMARÃES, Geny Ferreira & CORDEIRO Hildália Fernandes Cunha. 2019. **Campo belo: narrativa insubmissa e insurgente**. Anu. Lit., Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 131-148.
- GARUBA, Harry TRADUÇÃO. 2012. **Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana**. Nonada: Letras em Revista, vol. 2, núm. 19, outubro. pp. 235-256.
- LOURENÇO, Valéria. 2014. **Poemas afro-brasileiros**. In: Cadernos Negros: volume 37. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje.
- OLIVEIRA, Eduardo D. 2007a. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Ceará: Universidade Federal do Ceará.



OLIVEIRA, David. 2007b. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular.

RABELO, Miriam C. M. 2011. **Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas**. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 61, p. 15-28, Jan./Abr.

RIBEIRO, Esmeralda Ribeiro. 2006. **Poemas afro-brasileiros**. In: Cadernos Negros: volume 29. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje.

SALES, Cristian Souza de. Da persistência de um esquecimento... a resistência de nossa. <http://correionago.com.br/portal/da-persistencia-de-um-esquecimento-a-resistencia-de-nossa-escrita/acesado> em de abril de 2017.

SALES, Cristian Souza de. 2018. Lívia Natália: poesia negra feminina de abebé nas mãos. In: AUGUSTO, Jorge (Org.). Contemporaneidades periféricas. Salvador: Segundo Selo, p. 389-415.

SALES, Cristian Souza de. 2020. Assentamentos de resistência: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Salvador: UFBA.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. 2010. Meu tempo é agora. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

SODRÉ, Muniz. 1988. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes,

SOUZA, Lívia Maria Natália de. 2016. **Água Negra e outras águas**. Salvador: Caramurê,

SOUZA, Lívia Maria Natália de. 2018. *Literatura adoxada: as formas de escrita poética da negritude na cosmogonia afro-brasileira*. Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista v. 10, n. 2 p. 193-204 jul./dez.

SOUZA, Lívia Maria Natália de. 2017. **Sobejos do Mar**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade,

SOUZA, Lívia Maria Natália de. 2015. **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Ogum's Toques Negros.

SOUZA, Lívia Maria Natália de. 2011. **Água negra**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade.